

O PROBLEMA DA IDEOLOGIA

A ideologia e seu estudo pertence ao campo da Teoria das Ideologias. Desse modo, o ideólogo é o "cientista" apto a descerrar o véu da mistificação, da falsa consciência, da alienação e do ceticismo. Na medida em que o consegue, a ideologia deixa de ser um "problema" para tornar-se um componente objetivo do real.

Mas, o que é ideologia? Quais as posições polares clássicas? Quais são as questões postas pela ideologia?

Estes são os pontos a considerar, antes de passar-se à exposição e comentário do texto de James Anderson IDEOLOGIA EM GEOGRAFIA (1977).

Formalmente a ideologia foi primeiro proposta por Destutt de Tracy, para quem ela é "a ciência que tem por objeto o estudo das idéias (no sentido geral de fatos de consciência), de seus caracteres, suas leis, sua relação com os signos que as representam e sobretudo de sua origem." (Lalande, 1956: 458).

Num sentido pejorativo é "a análise ou discussão absurda de idéias abstratas, que não correspondem aos fatos reais." (Idem: 458).

É muito conhecida a acepção segundo a qual a ideologia é o "pensamento separado do real, que se desenvolve abstratamente sobre seus próprios dados, mas que é na realidade a expressão de fatos sociais, particularmente de fatos econômicos, dos quais a consciência não tem ciência, ou, pelo menos, dos quais não se dá conta de que determinam o pensamento." (Idem: 458).

A primeira posição polar clássica é o idealismo absoluto. "O idealismo absoluto, ^(...) ~~absoluto~~, compreende os seguintes temas principais. Sustenta-se que o mundo do senso comum, de diferentes objetos e mentes corporificadas no espaço e no tempo não é o mundo como realmente é mas é um mundo que apenas aparece em termos de categorias não

críticas. Sustenta-se, em segundo lugar, que as categorias matemáticas e físicas são as menos adequadas para chegar à verdade das coisas e que o mundo como um todo é melhor concebido em termos da mente auto-consciente. Sustenta-se, em terceiro lugar, que o pensamento não consiste na imposição de formas prontas e acabadas sobre uma dada matéria apenas, mas sim, em seu modo mais característico, na relação de cada experiência particular com o conjunto infinito do qual é uma expressão." (Acton, 1972: 1065).

Uma variante importante é a de Hegel. "O idealista absoluto sustenta também o ponto de vista expresso por Hegel de que 'A verdade é o todo'. Entender o mundo é descobrir o lugar de coisas subordinadas em conjuntos subordinados, de conjuntos dependentes de menor ordem e, por fim, de tudo que se relaciona no todo infinito. Todo o nosso raciocínio, sustenta-se, repousa na aceção de que tudo está necessariamente relacionado a tudo. As propriedades das coisas são efetivamente suas propriedades, embora nem sempre se veja que é assim." (Idem: 1065).

A segunda posição polar clássica é o materialismo. "As diversas filosofias materialistas que têm surgido sucessivamente sustentam, mais, ou menos, as seguintes teses: 1) que o que se denomina de eventos da mente são na verdade complicados e específicos eventos físicos; 2) que os processos mentais são inteiramente determinados por processos físicos (por exemplo, que 'pensar a si mesmo', enquanto é um processo real que pode ser mentalizado, é causado por processos corporais, sendo que suas conseqüências aparentes também se originam efetivamente de causas materiais); 3) que os processos mentais e físicos são dois aspectos do que ocorre em uma substância, ao mesmo tempo mental e física (esta tese, quer chamada 'materialista' ou não, opõe-se habitualmente às teses idealistas); e 4) que os pensamentos e vontades humanos influenciam as vidas individuais, mas o cur-

so da história é determinado pela interação de massas de pessoas e conjuntos de coisas materiais, de tal modo que são predizíveis sem referência aos 'mais elevados' processos de pensamento e vontade." (Britton, 1972: 1059).

A identidade das duas formas de ideologia expostas não permite que se tenha uma boa compreensão das mesmas, uma vez que são processos de formas cristalizados.

É preciso verificar quais são os problemas que a ideologia propõe, mostrando sua gênese. "De acordo com sua origem, o conceito de ideologia de Marx pode ser entendido a partir de três raízes: a crítica à filosofia do Estado de Hegel, à antropologia de Feuerbach e à economia política clássica. Objeto dessa crítica são, antes de mais nada, os seguintes elementos conceituais: 1. O ensaio empreendido por Hegel de superar a antítese entre razão e realidade no elemento do conceito filosófico. 2. A redução feuerbachiana do mundo das representações religiosas à essência de 'o' homem, que para Marx não existe como abstração, separada dos processos sociais. 3. A teoria do valor-trabalho dos economistas clássicos (Smith, Ricardo), que concebia as formas econômicas do capitalismo como formas naturais da produção humana." (Lenk, 1974: 23).

Para Marx "A consciência não pode ser outra coisa senão o ser consciente, e o ser dos homens é seu processo de vida real (Die Deutsche Ideologie)." (Idem: 18).

Por isso, "A crítica de Marx à ideologia passa das objeções feitas no campo da teoria à crítica da realidade social, cuja expressão e cujo véu, ao mesmo tempo, são as ideologias. Neste sentido, O Capital aparece como uma crítica radical da ideologia no âmbito da economia política, que é concebido como o terreno específico das formas de consciência alienadas. (...) Marx considera ideológico todo pensamento que é incapaz de compreender a ligação inseparável de seu próprio movimento com o movimento das forças sociais." (Idem: 26).

Contudo, Marx deixou um texto que tem sido considerado como a raiz de toda a polêmica posterior: "O problema de se ao pensamento humano corresponde uma verdade objetiva não é um problema teórico mas prático. Dentro da praxis deve o homem provar a verdade - isto é, a realidade efetiva e o poder, o caráter terreno - de seu pensamento. A disputa em torno da realidade ou irrealidade do pensamento - enquanto separada da praxis - é meramente escolástica." (Idem: 89).

O problema complicou-se depois, uma vez que se trata de uma discussão a propósito do caráter ideológico ou não ideológico de uma ideologia; uma discussão 'sobre o pensamento de Marx' e uma discussão 'sobre o marxismo'; uma ontologia ou uma epistemologia?

Por exemplo: "Os reflexos de consciência das diversas etapas do desenvolvimento econômico assumem, por certo, grande importância; e o materialismo dialético, que assim o faz, de modo algum nega que os próprios homens realizem seus atos históricos e os desempenhem com consciência. Mas, trata-se - como diz Engels em carta a Mehring - de uma consciência falsa. Contudo, mesmo aqui o método dialético está de acordo com uma simples comprovação da 'falsidade' desta consciência, uma rígida contraposição do verdadeiro e do falso. Pelo contrário, exige que esta 'consciência falsa' seja investigada concretamente como momento daquela totalidade histórica à qual pertence, como etapa ou grau daquele processo histórico dentro do qual opera." (Lukács, 1974: 104).

Existem, então, várias dialéticas? Por que não uma dialética multidimensional? "É então preciso considerar a contradição como uma força possível, embora não ultrapasse o hiato do desenvolvimento desigual. Tal contradição, com efeito, só é propícia para a atualidade do capital enquanto os elementos desse desenvolvimento desigual não possuem direção e métodos para avançar no terreno do pre-

sente. A tarefa consiste em identificar os elementos viáveis da contradição do desenvolvimento desigual, apropriando-se deles e controlando-os, a fim de induzir uma mudança de função na medida em que sejam elevados a outro contexto; êsses elementos viáveis são os que se opõem ao capitalismo e que não podem prosperar nele." (Bloch, 1974: 115).

A perspectiva abre-se para muitas interpretações. Então, "II. 1. O método marxista é um estruturalismo genético generalizado, re- gido pela categoria da totalidade. 2. Esta hipótese implica que o pensamento, a vida afetiva e o comportamento de cada grupo humano, durante determinado período, configuram uma estrutura compreensível, dinâmica." (Goldmann, 1974: 119). Daí que "A possibilidade de uma investigação marxista da história do marxismo representa, em troca, o critério mais importante para determinar o valor científico que o método dialético-materialista possui para a investigação." (Idem : 120).

Ora, isto repõe o problema do êrro e do acêrto. "... O con- ceito de ideologia foi forjado por Marx e Engels na base de uma as- sociação de análises sociológicas e epistemológicas de determinados fenômenos ideais. Precisamente nisto reside o significado atual es- pecífico de semelhante problemática. A polêmica sôbre o conceito de ideologia é uma disputa sôbre a verdade ou a falsidade de certos conteúdos de consciência." (Hahn, 1974: 123).

Como resolver a questão? A metodologia analítica tenta des- vender o por quê da variedade de posições. "1. A primeira dessas ca- racterísticas é o aparente divórcio da consciência a respeito das condições histórico-sociais da existência humana, do que resulta que a consciência a) desenvolve-se de maneira própria e até exclusi- va segundo leis próprias, inerentes a ela, e b) influi de modo deci- sivo sôbre a vida social.(...). 2. A segunda propriedade típica do

modo de pensar ideológico, enquanto falsa consciência, é seu fenômeno, isto é, sua tendência a descrever de modo exclusivo o aspecto fenomênico da realidade. (...) 3. Outra característica da consciência falsa consiste em sua parcialidade. Um aspecto isolado da complexa realidade social e natural é separado da totalidade real dentro da qual subsiste, e é investigado por si. (...) 4. Outro traço da falsa consciência é seu caráter a-histórico. (...) 5. Em todas estas formas de falsificação do pensamento, em que este se torna consciência falsa, Marx e Engels analisam a qualidade cognoscitiva dessas figuras ideais do ponto de vista epistemológico, discernindo as causas dessa falsificação nas circunstâncias sociais objetivas." (Milic, 1974: 142).

Mas, como se dá a discussão sobre ideologia em Geografia?

James Anderson esclarece, inicialmente, que "As três seções seguintes deste artigo tentam definir ideologia, argumentando, algumas vezes com o auxílio de exemplos geográficos, que as ideologias têm raízes na realidade e possuem complexas interrelações com a ciência e com as classes sociais." (Anderson, 1977: 40).

O conceito de ideologia, "Empregado numa linha marxista, se torna 'um conceito esclarecedor e um instrumento analítico' (Bailey, 1973), sem se tornar politicamente neutro - sendo realmente bastante enriquecido. (...) Simplificadamente, ideologia refere-se a sistemas de idéias que fornecem avaliações distorcidas e parciais da realidade, com o efeito objetivo e nem sempre pretendido, de servir aos interesses parciais de determinado grupo ou classe social. Isto é feito, tipicamente, ao aparentarem representar os interesses de todos os vários grupos da sociedade." (Idem: 41).

Mas, "As ideologias não são necessariamente apologias do status quo, e na verdade podem ser críticas quanto a ele. Também não servem, necessariamente, aos interesses imediatos de uma classe do-

minante. (...) Apesar de seus discernimentos possivelmente críticos, as ideologias impedem um entendimento real de como a sociedade pode ser mudada (Shaw, 1972)." (Idem: 41).

Por isso, "Quando se tem menos confiança na ideologia, o uso da força física é correspondentemente mais manifesto. No entanto, uma classe dominante nunca domina apenas pela força; sua 'hegemonia' sempre repousa na ideologia e em intelectuais que asseguram que a 'visão de mundo' apropriada é toleravelmente coerente (vide Gramsci, 1971)." (Idem: 42).

A ideologia como superestrutura de dominação permanece. "As ideologias podem persistir porque têm uma base parcial, embora muitas vezes limitada, em fatos. (...) Mesmo a concepção de que a Terra é plana tem uma base no fato de que a Terra, tal como se dá para nossa experiência direta, parece ser mais plana que redonda!" (Idem: 42). E, mais: "Marx viu a religião - o início de toda ideologia - como um protesto contra a miséria real: '... o suspiro da criatura oprimida, o sentimento de um mundo cruel e a alma das condições desalmadas. Ela é o ópio do povo' (in Bottomore, 1963: 43). Em muitos aspectos, a ciência social, particularmente o empirismo, substituiu agora a religião como principal veículo da ideologia dominante (talvez ela seja a ideologia dominante);" (Idem: 43).

Põe-se, então, o problema de ciência e fetichismo. "O ideal é a ciência natural, geralmente pressuposta como empirista, objetiva e cautelosa." (Idem: 43).

O que aconteceu? "Os métodos da ciência natural, particularmente a quantificação, trouxeram ganhos indubitáveis. Frequentemente, contudo, os grandes sucessos da ciência natural são creditados ao empirismo, que de fato foi responsável por alguns avanços importantes, e a quantificação, na busca de um status semelhante de sucesso para a ciência social, é muitas vezes prematura e mal orientada - re

presentando fatos difusos e isolados através de uma precisão numérica espúria." (Idem: 44).

O que fazer? "Opor rigidamente 'ciência' e 'ideologia' leva ao dogmatismo, e coloca a questão: que é ciência social? De acordo com Geras (1972), Marx oferece uma resposta em duas partes. Qualquer ciência natural, ou social, deve distinguir a essência da aparência - o sol parece girar em torno da terra, a terra parece plana, etc. E na ciência social, os fetiches do capitalismo exigem que as aparências sejam demolidas para a essência ser vista. Já que o capitalismo necessariamente aparece a seus agentes como alguma coisa diferente do que é na realidade, o método de Marx é necessário." (Idem: 45).

E os geógrafos? "O 'fetichismo do espaço' é o modo de pensar particular dos geógrafos. As relações entre os grupos ou classes sociais são apresentadas como relações entre áreas, obscurecendo (como no chauvinismo) as divisões sociais no interior das áreas. As conceituações geométricas abstratas da 'forma' espacial podem ser artificialmente assentadas contra o 'conteúdo' social do espaço, obscurecendo-o ao negar as relações dialéticas de 'conteúdo' e 'forma'." (Idem: 46).

O problema põe em questão a influência da abstração, da objetividade e da classe social. "As relações sociais aparecem frequentemente como relações entre áreas; as divisões espaciais são institucionalizadas. Mas o empirismo, ao se confinar às aparências superficiais, ignora o fetichismo e o apóia objetivamente (Mckenna, 1972). Ao se concentrar em fragmentos isolados da realidade, ele fundamenta a ideologia (...). Os empiristas se orgulham de serem concretos e de terem os pés na terra, interessados somente 'nos fatos' - interesse que em si mesmo é uma ideologia. (...) Uma parte é abstraída do todo, enquanto para ser propriamente entendida ela deve ser vista concretamente, situada no interior da totalidade que lhe dá significância es

pecífica." (Idem: 46).

Então, "As disciplinas também constituem uma divisão do trabalho entre os cientistas, mas enquanto alguma especialização é, indubitavelmente, necessária, e temos de começar obviamente em algum lugar, as divisões disciplinares pré-existentes tendem a estabelecer limites arbitrários sobre onde a investigação termina e como ela chega até lá." (Idem: 47).

É que "A ciência se move do parcial, do abstrato e do unilateral para o nível da totalidade concreta multilateral (Mckenna, 1972). E ela o faz através do uso (consciente) da abstração." (Idem: 47).

Para James Anderson "Como uma arma na luta de classes, o marxismo não substituiu a ideologia (Meszaros, 1972), mas ele se move de modo mais próximo da objetividade." (...) "Em vez de especificar uma 'classe universal', Marx viu que cada situação histórica produz uma classe que aspira à 'universalidade' e cujo ponto de vista chega mais perto da objetividade - a classe revolucionária." (Idem: 48/9).

Entretanto, "Tradicionalmente, os geógrafos têm demonstrado pouco interesse pelo socialismo, e os socialistas bem pouco interesse pelo meio ambiente." (Idem: 49).

Então, "Se a Geografia parece conservadora, não é tanto porque ela é ideológica (e as ideologias são conservadoras, com efeito) mas antes porque suas ideologias tendem a ser obsoletas." (...) "O elemento ideológico nos estudos ambientais é revelado de modo mais palpável quando aplicado na prática, no planejamento ambiental. Aqui os geógrafos não podem fugir à responsabilidade pelas implicações políticas de seu trabalho, buscando refúgio na 'ciência'." (Idem: 50).

Finalizando seu trabalho James Anderson fala dos idealistas, burocratas e marxistas. Citando Hugh Prince afirma que "duas condições para a pesquisa aplicada não são satisfeitas no presente: sua aplicação deve ser benéfica e o processo de pesquisa não deve ser pre-

judicial." (Idem: 51).

Um problema se põe: "A fragmentação do conhecimento coloca dificuldades reais." (Idem: 52).

Entretanto, "Os 'solucionadores de problemas' ditos com os pés no chão frequentemente têm seus pés firmemente assentados no ar, possuindo uma visão de minhoca da realidade, tipicamente retalhada e fragmentária." (Idem: 53).

Por isso, "Ir além do empirismo e das falhas do pragmatismo e exige uma discussão mais explícita da filosofia e da sociedade. Exige uma reformulação do sistema de referência conceitual e da filosofia social da Geografia." (Idem: 53).

Daí que "O desafio do conteúdo normativo da Geografia somente pode ser refutado analisando-se os valores embutidos em nossos conceitos e métodos e relacionando-os aos conflitos na sociedade de classes." (...) "É dentro da tradição marxista que essas importantes questões sociais estão sendo mais séria e coerentemente debatidas. (...) Não que o marxismo seja uma receita de respostas prontas... Não há modo mais simples caso o potencial da Geografia deva ser levado a cabo dentro de um sistema de referência integrado. Isso requer uma crítica completa da Geografia existente, que seja ao mesmo tempo uma crítica da Geografia da realidade objetiva." (Idem: 54).

Uma conclusão prévia ao exposto é a de que a ideologia já tem uma longa história como conceito. Um modo não previsto por Marx do uso analítico do conceito de ideologia é sua versão irracionalista no marxismo. Disso não está isenta a Geografia quando se propõe tratar do assunto.

O texto de James Anderson mostra a fragilidade da Geografia do passado ao lidar com o tema sociedade. O ponto é que a ideologia possui também uma referência geográfica. Por isso, combate o empirismo enquanto visão parcial, naturalismo e falsa consciência. Essa críti-

ca deve considerar o modo de produção, particularmente o capitalismo, onde se dá o fenômeno da alienação. É o caso da discussão sobre o espaço.

É discutido o problema da divisão técnica e intelectual do trabalho e há sugestão para superar os impasses nos estudos ambientais. Isso implica numa discussão do significado social da Geografia. Para isso, é preciso aplicar a crítica marxista ao "conteúdo normativo da Geografia". Então, trata-se de produzir "uma crítica da Geografia da realidade objetiva".

O problema da ideologia remete à questão da formação social.
